

Índices de Andradina

Publicado no Jornal da Região: 10 de maio de 2006

Dizem os contadores de estórias sobre grandes administradores públicos que sua fama positiva sempre vem da quantidade de asfalto que fazem. Quanto mais asfalto, mais fama e reputação de “melhor prefeito, melhor governador, até melhor presidente”. Será mesmo?

Na comemoração do Dia do Trabalhador, o presidente Lula veio à televisão para divulgar os avanços nacionais de sua gestão: comparando aumentou com diminuiu, trouxe dezena de itens para reflexão. Nem critico nem defendo, são informações colocadas pelo maior dignitário de nosso País.

Interessados se dedicarão a comprovar esses dados. A mim, está suficiente crer que nosso Presidente não viria mentir publicamente, outra vez se subordinando à execração da sociedade e da poderosa mídia.

O discurso motiva reflexões a respeito de nossa cidade. Entendemos todos que vivemos na segunda região mais pobre do estado de São Paulo?

Observemos que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (o decantado IDH-M) de Andradina estava em 0,747 no ano 1991, cresceu 6,83% e estava em 0,798 no ano 2000, o que nos classificou entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano, segundo o PNUD.

Saibamos que a Renda foi a dimensão que mais contribuiu para esse crescimento, aumentando em 42,5%, seguida pela Educação (+

39,2%) e pela Longevidade (+18,3%) nos dez anos do período divulgado.

O paradoxo é que o aumento dessa Renda significou mais empobrecimento dos mais necessitados (no grupo dos 80% mais pobres, a renda diminuiu de 42,0% para 36,5%) e mais riqueza para os 20% mais ricos (aumentou de 58,0 para 63,5%).

A renda per capita média do município cresceu 48%, passando de R\$ 241,27 em 1991 para R\$ 358,05 em 2000.

Em Andradina a desigualdade cresceu, os ricos estão mais ricos e os pobres mais pobres.

Uma prova está nos indicadores de vulnerabilidade familiar, com mulheres de 15 a 17 com filhos saltando de 2,2% para 10,8%.

Ora, em 2006, são quase 4.500 famílias inscritas nos Programas Sociais dos Governos Federal, Estadual e Municipal. A quatro por família, são 18.000 andradinenses, ou aproximadamente 30% da população oficial de 56.885.

A Educação contribuiu para o IDH-M melhorando do índice de 0,816 para 0,876 e a Longevidade de 0,735 para 0,763. (a mortalidade infantil desceu de 25,3 para 16,7 em grupos de 1000 nascidos vivos). A renda, de 0,689 para 0,754.

São números para justificar a posição de Andradina como a 179ª cidade do Estado e a 597ª do Brasil. Ou seja, nossa situação é boa, na comparação estadual e nacional.

Índices de Andradina

No período do estudo (1991-2000) a distância entre o IDH do município e o limite máximo do IDH, ou seja, 1-IDH, foi reduzido em 20,2%.

Mantida essa taxa de crescimento, Andradina levaria 18,5 anos para alcançar São Caetano do Sul, o melhor IDH-M do Brasil: 0,919 – se essa cidade ficasse parada do jeito que está.

No Estado, apenas 27,6% municípios estão em melhor situação que nossa cidade; no Brasil, apenas 10,8% expressam estar melhores. Então, por que a auto-estima de muitos andradinenses continua tão baixa?

Pelos buracos da cidade, obviamente. Por ser a última, a pior de São Paulo no tratamento dos resíduos sólidos (lixão), pelo crescente aumento nos índices da violência, vandalismo e furtos?

Pelos valores das tarifas de água, pelos valores venais dos imóveis, pelo atendimento na Saúde? Pelas demandas demagógicas e crises políticas? Pelo quê mais?

A valer o princípio de que o melhor é quem asfalta mais, então está resolvido: bastaria o prefeito tapar os buracos, recapear e providenciar pavimentação nova que tudo estaria resolvido?

É pouco, precisamos mais. Concordo que a beleza da cidade é fator de elevação de nossa auto-estima. Então, vamos embelezar, cuidando da malha viária, das árvores, das plantas, praças, calçadas, fachadas dos prédios, da limpeza pública. Tarefa para todos, cada um fazendo a sua parte.

Entretanto, o alcaide tem de zelar pela melhoria dos índices da qualidade de vida da população: diminuir a vulnerabilidade social,

aumentar e distribuir a renda, ampliar os horizontes da educação, aprimorar os indicadores da saúde pública, qualificar o atendimento e a prestação dos serviços públicos.

O jeito de conseguir isso tudo está em andamento e somente precisa de tempo para se materializar. Envolve desde novos princípios na Administração até novos métodos na construção e reformas na infra-estrutura da cidade e do campo.

Resolver as questões de infra-estrutura (esgotos, “buracões”, lixo, asfalto, iluminação) e abastecimento perene de água, com atualização e tecnologia no atendimento ao público são metas de curto prazo, obras a suportar os passos seguintes na melhoria dos índices.

Mesmo que iniciadas em conjunto, metas de saúde, solidariedade e geração de renda mostrarão resultados somente em médio prazo.

Somando tudo, obteríamos saltos na composição de nossos índices, com novos e positivos indicadores de melhoria na qualidade de vida.

Em outras palavras, asfaltar não basta. Mesmo que os contadores de estórias não dêem crédito, é preciso cuidar dos fundamentos da Educação, da Saúde, da Renda, da Longevidade e da Vulnerabilidade Social.

por Nelson Eduardo